

O ESTAFETA

ÓRGÃO DA FUNDAÇÃO CHRISTIANO ROSA

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

PIQUETE, OUTUBRO/2005 - ANO IX - Nº 105

Foto arquivo Pro-Memória

EDITORIAL

Assistimos pelo Jornal Nacional, na Rede Globo, entre 10 e 14 de outubro, a uma série de reportagens sobre o desenvolvimento, o crescimento tecnológico e a qualidade de vida de alguns países. Chamou-nos a atenção que esses países, há algumas décadas, viviam numa situação limite de pobreza, baixa escolaridade e alto índice de desemprego. O salto para o futuro foi dado quando seus governantes fizeram opção pelo investimento maciço em educação, passando a priorizar a qualificação dos professores e o aparelhamento das escolas. Nesses países, parcela significativa do Produto Interno Bruto (PIB) é direcionada à política educacional. Para o sucesso dos programas foi fundamental a adesão da comunidade, tanto dos grandes centros quanto das pequenas localidades, que acompanha e cobra resultados. Nessas reportagens foram mostrados países como a Irlanda, Espanha, Coreia do Sul e Chile, que hoje são exemplos de referências de qualidade de vida.

Nessa mesma semana, assistimos ao Ministro da Educação, Fernando Addad, afirmar, durante viagem a Portugal, que o Brasil investe “menos do que 4% do PIB” na educação, ao contrário do que indicam estatísticas dos últimos anos, percentual muito aquém do dos países tema da reportagem. O atraso educacional do Brasil tem raízes históricas, fruto da visão míope de nossos governantes. Ao longo dos tempos, deixou-se de investir em educação e de priorizar o conhecimento. Apesar da riqueza do país, estamos na contramão de um mundo cada vez mais tecnológico e desenvolvido. Vivemos uma desigualdade social vergonhosa, num país em que poucos detêm muito e a maioria da população vive às margens da pobreza. Essa situação só será revertida quando a educação for efetivamente priorizada.

Um olhar crítico mostra que investir em educação não significa apenas construir novas escolas, melhorar a merenda e oferecer uniformes novos. É preciso investir em equipamentos, na capacitação eficaz do professor e pensar numa educação voltada para a cidadania. Para isso é necessário que a sociedade cobre políticas consistentes de educação, acompanhando sua aplicação. Um grande salto para o futuro passa, obrigatoriamente, por esse caminho.



“A recuperação de mananciais, encostas e microbacias deve ser imediata. Se na “Década da Água” priorizarmos nossos rios e bacias, poderemos vislumbrar um futuro melhor para todos.”

O planeta no limite

Nas últimas décadas, nosso planeta tem sofrido os mais diferentes tipos de agravo. O avanço acelerado do homem sobre a natureza não permite que ela se regenere. A degradação ambiental, a redução das reservas de água potável e as mudanças climáticas resultantes do aquecimento global, bem como a perda da biodiversidade, causam prejuízos incalculáveis ao planeta. Esses problemas têm sido pauta de discussões por todo o mundo e a gravidade com que a natureza contra-ataca tem assustado a todos. Periódicos como as revistas *Veja* e *Scientific American* vêm trazendo reportagens especiais, mostrando que o planeta está no seu limite, que estamos arrancando dele mais do que ele pode dar. Aponta “o paradoxo da água”: 70% da superfície do planeta são cobertos por água – mas apenas 1% de todo esse enorme reservatório é próprio para o consumo do homem. O desafio a ser enfrentado é evitar a poluição, o desperdício e a melhor distribuição desses recursos hídricos.

Em março deste ano, o secretário geral da ONU, Kofi Annan, decretou os anos entre 2005 e 2015 como a “Década da Água.” Esse período é para que os países se conscientizem de que esse precioso bem está se esgotando e que, em 50 anos, metade da humanidade sofrerá com a falta de recursos hídricos de qualidade. Esse é um

dado alarmante, principalmente quando se leva em consideração que 60% das doenças conhecidas estão relacionadas, de alguma forma, com a escassez de água. Isso decorre devido à sua má distribuição e má gestão.

O uso irresponsável da natureza mostra que, dos elementos básicos para a vida humana e o desenvolvimento econômico, a água é o fundamental. Estamos, irresponsavelmente, repetindo erros do passado. Muitas sociedades entraram em colapso porque não evitaram a destruição ambiental por eles causada. Frente a esses problemas que atingem a todos, diariamente, é preciso que a sociedade se empenhe em trabalhos que evitem o avanço da degradação ambiental, buscando a reversão desse quadro. É necessário que cada cidadão, dos mais diferentes lugares do planeta, olhe para a natureza com um olhar conciliador e se engaje em ações que a protejam. Temos obrigação moral de preservá-la. É uma questão de sobrevivência. Os municípios devem priorizar diferentes atividades que atinjam o objetivo da preservação.

Conscientização por meio da Educação Ambiental deve ser prioridade em todos os níveis de ensino, mesmo fora das salas de aula. A recuperação de mananciais, encostas e microbacias deve ser imediata. Se na “Década da Água” priorizarmos nossos rios e bacias, poderemos vislumbrar um futuro melhor para todos.

Imagem - Memória



Autoridades de Piquete, Lorena e Itajubá, por ocasião do reinício das obras de adaptação e ampliação da estrada Lorena-Itajubá, no trecho de serra, na Tabuleta, em Piquete. Agachado, o prefeito de Piquete, Lydio de Souza Santos. Foto de 20 de outubro de 1934.

A estrada Lorena - Piquete - Itajubá

Se hoje, com toda a tecnologia, as estradas brasileiras estão sempre necessitando de reparos e gerando as mais diversas críticas por parte dos usuários, fácil imaginar como eram as vias de comunicação nos séculos passados.

Piquete surgiu e cresceu às margens do Caminho de Minas, aberto no século 18, ligando o Vale do Paraíba com o Sul de Minas. Por aí, no lombo de mulas, escoava grande parte da economia sul-mineira em busca de mercados valeparaibanos e fluminenses. Com o crescente aumento do tráfego das tropas de mulas, pioraram, proporcionalmente, as condições desse Caminho. Durante todo o século 19, foram inúmeros os ofícios e pedidos de recursos por parte da Câmara de Lorena junto ao governo provincial, para a melhoria dessa estrada, principalmente no trecho da serra.

Com a emancipação político-administrativa de Piquete, em 1891, as queixas dos usuários desse Caminho passaram a ser feitas diretamente aos administradores piquetenses. Essa estrada, cada vez mais movimentada, mal se prestava para as tropas, muito menos para carros. Se no estio dava passagem, na época das chuvas tornava-se intransitável. Os desmoronamentos de encostas eram frequentes e o trânsito muitas vezes interrompido. As poucas pontes de madeira sobre o Bemfica encontravam-se quase sempre apodrecidas e perigosas, principalmente no período das cheias.

No início do século 20, Piquete recebeu a visita do eminente engenheiro Euclides da Cunha, inspetor de obras, que, após estudos sobre as condições de nossa estrada, fez sugestões ao governo do Estado para a sua melhoria. Com o advento

de veículos motorizados, essa estrada interestadual precisou ser adaptada e ampliada, para que seu leito se tornasse transitável. Do lado mineiro, a Câmara de Itajubá esforçava-se junto ao governo de seu estado para que as melhorias atingissem o alto da serra. Do lado de São Paulo, tanto Piquete quanto Lorena buscavam apoio junto ao governo paulista.

Antes do asfalto, viajar por essa estrada era uma verdadeira epopéia. Em tempo de chuva era ainda pior, sobretudo no trecho da Mantiqueira. Carros atolavam no barro até o pára-lama ou patinavam, mesmo com pneus revestidos de correntes. Não raro, careciam de juntas de bois para serem arrancados do lamaçal, perdendo-se, às vezes, dois ou mais dias nessa operação.

Articulações políticas de deputados mineiros e paulistas somavam esforços no intuito da melhoria dessa estrada. Por São Paulo, o lorenense Arnolfo de Azevedo. Por Minas, Teodomiro Santiago e José Braz Pereira Gomes. Em meados de 1929 foi divulgada a notícia de que, por iniciativa de Júlio Prestes, presidente de São Paulo, já estava acertada a construção da rodovia Itajubá - Lorena. Os trabalhos foram iniciados em 1931, contando com a cooperação das prefeituras de Piquete e Itajubá e do 4º Batalhão de Engenharia de Combate sediado na ponta mineira da estrada. Esses trabalhos foram paralisados em 1932, devido à Revolução Constitucionalista. Após novas articulações, em 1934, foram reiniciados. O prefeito de Piquete à época, Lydio de Souza Santos, considerando que a ligação do município com o Sul de Minas traria grandes benefícios, desapropriou uma área de 3km de comprimento por 6m de largura da Fazenda

Conceição, no Bemfica, para a obra. Assim, 20 de outubro do mesmo ano foi a data oficial do reinício das obras da estrada. Esse acontecimento foi solenizado com uma caravana de automóveis chefiada pelo prefeito de Itajubá, José Rodrigues Seabra, e de Lorena, Geraldo Oliveira Braga. Como o trecho piquetense era o mais crítico do projeto, a cerimônia aconteceu aos pés da serra, no bairro da Tabuleta. Além das comitivas de Lorena e Itajubá, o evento contou com a presença do prefeito Lydio de Souza, vereadores, oficiais da Fábrica de Pólvoras e inúmeros convidados que, após as "picaretadas simbólicas" iniciais, foram recebidos com almoço no Hotel das Palmeiras.

O trecho do alto da serra até Piquete, asfaltado, como conhecemos hoje, só foi concluído nos anos 40. Até então, a estrada cortava toda a cidade.

O ESTAFETA

Fundado em fevereiro / 1997

Diretor Geral:

Antônio Carlos Monteiro Chaves

Jornalista Responsável:

Rosi Masiero - Mtd-20.925-86

Revisor:

Francisco Máximo Ferreira Netto

Redação:

Rua Coronel Pederneiras, 204
Tels.: (12) 3156-1192 / 3156-1207

Correspondência:

Caixa Postal nº 10 - Piquete SP

Editoração: Marcos R. Rodrigues Ramos
Laurentino Gonçalves Dias Jr.

Tiragem: 1000 exemplares

A Redação não se responsabiliza pelos artigos assinados.

GENTE DA CIDADE

Adelina Bangoin

Não há quem não a conheça na comunidade católica piquetense. No dia-a-dia, vive e transmite as mensagens do Evangelho a todos que a procuram. Sua história de vida é pautada no trabalho e dedicação aos mais pobres, a quem estimula com palavras de coragem e fé. Filha de José Marcondes Ferreira e Maria Aparecida Marcondes, Adelina Marcondes Bangoin nasceu em Piquete, no bairro do Itabaquara, na região conhecida como Gameleiro, em 20 de junho de 1941. Ainda pequena, mudou-se para a cidade para poder freqüentar o Grupo Escolar. Em 1960 diplomou-se professora na Escola Normal Livre Duque de Caxias. No dia 31 de dezembro desse mesmo ano, casou-se com Jayme Uwiçara de Farias Bangoin, com quem teve quatro filhos.

Adelina iniciou sua vida profissional ministrando aulas em escolas rurais de emergência. Em 1967, efetivou-se como professora municipal, assumindo a escola do Alto da Boa Vista, na serra, mais tarde escola municipal "Professora Maria Judith". Adelina conta que, durante uma forte chuva do final do verão daquele ano, ficou presa, junto com seus alunos, dentro da pequena construção de pau-a-pique, que ameaçava desabar. Tornou-se, então, impraticável sua utilização, o que levou o prefeito da época, Christiano Alves da Rosa, a construir no local uma escola, de alvenaria.

Em 1972, foi comissionada pelo prefeito Luiz Vieira Soares para o departamento de Educação da Prefeitura, a fim de criar o MOBRAL (Movimento Brasileiro de Alfabetização). Por vários anos exerceu as funções de diretora financeira, alfabetizadora, secretária executiva, além de colaborar em todas as atividades promovidas pelo MOBRAL. Quando de seu afastamento da Prefeitura, em 1980, foi homenageada com a Portaria 2800, de 02 de maio, do prefeito José Armando, na qual o Executivo lamentava a lacuna deixada e agradecia o trabalho realizado em prol da comunidade.



Em 1981, assumiu cadeira efetiva, em período integral, na Escola Estadual Profa. Ricarda Godoy, onde se aposentou, em 1987. Foi responsável pela educação integral de seus alunos, dispensando especial atenção à sua formação espiritual, cujos frutos são visíveis nos que tiveram o privilégio de tê-la como professora.

Tendo carisma missionário, fundou, na área militar próxima ao "Portão da Limeira", onde morava, uma catequese, a CEB (Comunidade Eclesial de Base) e um grupo de oração. Fato marcante é que dessa catequese brotaram duas vocações religiosas – uma freira franciscana e outra salesiana.

Paralelamente aos trabalhos do Portão da Limeira, ajudava no orfanato do Embaú, onde foi secretária da primeira diretoria formada. Também foi a primeira presidente da Oficina Santa Rita de Cássia, que ainda hoje funciona na cidade. Foi catequista e coordenadora da catequese e cursinhos. No ano de 2000, assumiu a coordenação do

Conselho Pastoral Paroquial, em que trabalhou com muito zelo pela comunhão das pastorais, irmandades e movimentos da Paróquia de São Miguel Arcanjo. Gosta de citar que, sob sua coordenação, foi restaurada uma antiga imagem de nosso padroeiro, que se encontra, atualmente, na entrada da cidade. Há mais de vinte anos, Adelina Bangoin é Ministra Extraordinária da Comunhão Eucarística.

Neste mês em que comemoramos o 117º aniversário da criação da Paróquia de São Miguel, apontamos Adelina Bangoin como exemplo de dedicação e fidelidade à Igreja.

Oratório. O que somos e o que fazemos

Falo na terceira pessoa porque somos muitos os que fazemos o Oratório de Piquete.

O Oratório, ou melhor, o Oratório Festivo, é uma atividade educativa alternativa, livre, bem à vontade, proposta mais para o fim de semana, criação genial de Dom Bosco.

Como toda proposta salesiana de Dom Bosco, visa a educar os jovens desenvolvendo atividades de que eles gostam: esportes, amizade e alegria.

Dom Bosco dizia que queria formar bons cristãos e honestos cidadãos. Uma forma de educação na prática. Os objetivos são grandes, mas sem complicações. A educação acontece no dia-a-dia, como numa família, "juntando recreação, estudo e oração, um tipo de ser cristão pela estrada simples, alegre e serena da vida". É exigente, mas ninguém percebe. É como a vida que cresce. É uma aventura na qual todos ganham e ajudam os outros. A alegria é visível. É a felicidade de ser amigos de Deus. João Paulo II dizia que "se os jovens conhecerem em Jesus como Ele é, seu rosto verdadeiro, conseguem acolhê-lo e amá-lo".

Só quem puder ver de perto isto acontecendo entenderá um pouco mais e verá porque tantos jovens largam as drogas e o pecado quando freqüentam o Oratório.

O que fazemos?

O que fazemos para educar centenas de crianças e jovens? Fazemos como Dom Bosco: convidamos outros jovens e adultos para estar com eles, organizar os esportes (6 modalidades), missa no domingo, às 18h30min, rezar e ensinar a conhecer Jesus (catequese). São mais ou menos 80 voluntários formados para isso. Há atividades aos sábados, domingos e nas férias.

Há liberdade para se entrar no movimento e dele se afastar.

São dez grupos de ação organizados.

Há uma diretoria administrativa que busca recursos necessários, planeja, constrói e provê a manutenção dos ambientes. **Presidente:** Adriano de Souza Pinto Filho; **Vice-Presidente:** Sandra H. Paula; **1ª Secretária:** Luciana F. Silvério; **2ª Secretária:** Lucimara F. Silvério; **1º Tesoureiro:** Paulo Roberto de Assis; **2ª Tesoureira:** Benedita Ribeiro da Silva; **Conselho Fiscal:** Simone A. Gonçalves e Francisco Magalhães. Há um Conselho Pastoral (CEP) que organiza as atividades educativas, educacionais e religiosas. **Cooperadores:** Francisco Magalhães; **Ministro da Eucaristia:** Lucimara Silvério; **Liturgia:** Luciana Silvério; **Catequese:** Marta Helena; **Bandas:** Susan e Marcelo; **RCC:** Simone A. Gonçalves; **Oratório:** Marcos Pereira dos Santos; **Acólitos:** Sandra de Paula; **JUSEC:** Maria Moralina; **JECA:** Luís Flávio Rodrigues e **PROVIM:** Benedita Ribeiro de Souza.

O Oratório São Domingos Sávio existe há 38 anos. Em todo esse tempo sempre contou com a participação das pessoas de Piquete. Tudo no Oratório São Domingos Sávio, das construções às atividades religiosas, educativas e esportivas, é fruto da colaboração da cidade para a educação das crianças e jovens da nossa cidade de Piquete.

Padre Mário Bonatti
Diretor Espiritual do Oratório



Adelina (de laço) com os irmãos em Aparecida

Fotos arquivo Pro-Memória

Tramas de tecer e bordar

Guardadas na retina, em permanência, os sonhos, a simplicidade e a paz.

Na tarde dominical, ela se aproxima do local em que me assentei para esperá-la. Estávamos na sala de sua acolhedora casa, à rua 13 de maio.

Delicada, cumprimentou-me, nos assentamos e ela começou a falar. A fala mansa, o rosto iluminado, as mãos elegantes na gesticulação comedida. Estávamos no dia 31 de julho de 2005.

Cabelos bem penteados, roupa bonita, cuidado na apresentação, ali estava Dona Nair Porfírio Teixeira a desfilar pérolas preciosas de seu colar de memórias. Amplo relicário. Infinito de referências.

Lembrou-se de que participava ativamente de muitos momentos da vida da cidade por praticamente todo o século XX. Educadora, participou da formação de sucessivas gerações com seu conselho manso, mas firme e seguro. Iluminada pela vontade e ideais na busca do bem-viver. Afinal, são assim os dotados de almas puras. Angelicais figuras corporificadas na humana forma. Mensageiras da paz. Intermediárias na direção ao divino.

Dona Nair, ou Nairzinha, como querem alguns, solicitada por mim, falou da família e das dificuldades por que passou para equilibrar seus desejos com as finanças e poder estudar música, aperfeiçoar-se no violino, completar seu curso de acordeão, e, finalmente, tornar-se professora

Atingiu seus propósitos para expandi-los nos exemplos criativos. Com

afeto e compaixão.

Dotada pelo interesse nas artes, aprendeu a transitar por várias modalidades no campo artístico. Soube, nos bordados perfeitos, construir sonhos idealizados.



Coube-lhe despertar vocações as mais diferenciadas. Estimulou tendências. Cantora no coral, sua voz enriquecia as modulações nas missas e oratórios solenes. O coral Santa Cecília, herdeiro do coro das velhas tradições da matriz de São Miguel, contou com sua solícita e disciplinada presença a motivar os demais.

Afinal, além de tudo, seus conhecimentos musicais são notórios.

Esta nossa cidade de gente simples e operária sempre teve nela uma referência forte e bem representada.

No rastro das lembranças dos dias acumulados, Dona Nair borda em palavras o que o passado lhe concedeu: sabedoria. Dotada de lucidez e excelente memória, desfila sua biografia, rejubila-se nas boas lembranças, codifica-se nos assuntos menos prazerosos e edifica, em excelência, o que lhe parece ser de valor. E fala de tanta gente, que forma uma multidão. Cada um na sua especial concretude. Como vivos fossem, os mortos desfilam em seus atos. Não se trata de um teatro de sombras, mas de uma participação conjunta, na qual o que vale é a permanência.

Para evanescer, só o perfume do tempo, nas dobras da memória. Naquela tarde, ao sair, levei memorizada sua imagem gentil animando meus passos. De Dona Nair fica-me sempre uma lição criativa frente ao mundo agitado: a de que é preciso empenhar-se nos propósitos. Dela que é simples, como os perfeitos. Enxugados todos os excessos.

Dona Nair Porfírio Teixeira atinge, neste 29 de outubro de 2005, os 97 anos de idade. Cheia de luz, sabedoria e beleza. Para ela, todo o meu preito de gratidão, e acredito, em nome da comunidade de que faço parte.

Dóli de Castro Ferreira

ANOTANDO

Realizou-se, entre 10 e 18 de setembro do corrente, no Parque Dr. Fernando Costa – Água Branca –, em São Paulo, o IX Festival da Cultura Paulista Tradicional, conhecido pelo nome de Revelando São Paulo, pois esse é o seu propósito, isto é, revelar, fazer ver, focalizar os municípios paulistas quanto ao seu acervo de tradições, costumes, labores, cantos, danças. Portanto, arte, cultura e patrimônio histórico. Além de ser um importante veículo promocional do turismo. Iluminado o município, ele se mostra, ele se propõe, estimula a visita, convida para o conhecimento. Atrai.

Eis aí a chave. Se quiser e souber usá-la, é um momento oferecido no lugar adequado e no encontro de propostas. Todas as trocas são possíveis, num ambiente prazeroso, colorido e festivo. Animado pelo painel vivo das pessoas e suas demonstrações. Os animadores são dos melhores, em nome do Governo do Estado de São Paulo, pela Secretaria da Cultura e pelo Grupo Abaçaí, Organização Social e Cultura. Sob a orientação e direção de Toninho Macedo e sua equipe, o festival de cultura cumpre seus desígnios, enquanto, atentamente, seu diretor faz observar com rigor e determinação estimulantes a sequência programada e a autenticidade da amostragem.

Neste IX encontro, nossa cidade se fez representar. Piquete participou com os

artesãos de bordado, pintura, tecelagem de crochê e tricô, objetos de madeira e diferentes modalidades desses labores. Também com os artesãos da culinária, com deliciosa comida caseira, bolos, broinhas e a simpatia das irmãs Márcia e Mirthes Chaves, além da Cássia Chaves e do Ney desdobrando-se em bem servir e contar sobre Piquete. Além de atrair piquetenses vivendo na metrópole e saudosos da “terrinha”. Conversando com as artesãs Dalva Gonzaga, Cida Cachoeira e Fátima Borbinha, as pessoas queriam saber onde fica Piquete. No espaço das exposições e vendas faltavam informações fotográficas e textuais sobre a cidade. Faltava ainda, pelo menos, um pôster e folhetos.

Falávamos da serra, das montanhas, dos rios e das matas e nos perguntavam de cachoeiras, de lugares para visitar. A cidade conta com uma Secretaria de turismo. Já é uma boa iniciativa. Falta planejar uma participação ativa em eventos dessa natureza. Por exemplo, tenho vários conhecidos, ex-alunos e professores universitários de São Paulo, que têm feito excursões aos Marins e não conhecem Piquete. Só notam aquela “manchinha” urbana lá nos vales, olhando de cima, mas desligados das relevâncias do município.

O grupo de jongo também se exibiu e agradou. Mas precisa melhorar a apresentação. Dessa vez não compareceram os carros-de-boi e as tropas. Muita gente

sentiu falta e perguntou. Então, é preciso agregar forças para planejar uma nova apresentação. Então é hora das pessoas entenderem ser este um festival de cultura, uma excelente oportunidade para se estudar as raízes do município, demonstrar suas origens, costumes, produções. Estimular o turismo. Esforçar-se na produção, à vista do mercado, com idéias originais de tradição, de valor popular. Fazer o povo descobrir sua cidade, não só porque nela vive e mora, sem sair, mas a sua própria significação. É preciso que a cidade seja revelada, que os olhos sejam voltados para dentro dela, sem a cópia do marketing das novelas da TV.

Que se procure valorizar a autonomia, a autenticidade e a identidade de sua gente. É assim que se atinge a decantada cidadania, que, de tantas vezes repetida, fica na retórica apenas, quando não só nas colunas dos periódicos, sem repercussão, pois o campo não está preparado e a cultura desprezada. E, nesse caso, a falta de preparo redundará na moda importada e no preconceito mantido e repetido como refrão em ver nos traços culturais antigos coisas já ultrapassadas e, por isso, ridicularizadas.

Jogamos fora nosso potencial básico e nos tornamos reféns manipulados pelos comerciais de TV. Esquecemos até de reivindicar nossos direitos e, dentre eles, o mais importante – o da vida plena e bem cuidada, isto é, respeitada.

Dóli de Castro Ferreira

Coluna do Chico Máximo

A velha basílica de Aparecida

Para os amigos Marcos Rogério R. Ramos e Marilda Nunes Ramos

Eu menino à janela do casarão do meu avô Chiquinho Máximo: diante dos meus olhos, jardineiras e caminhões paus-de-arara apinhados deromeiros. Vindos de Minas Gerais e de outros estados, desciam a Mantiqueira com destino a Aparecida do Norte, como costumavam dizer. Caminhões e jardineiras empoeirados, desconfortáveis, duros bancos de madeira, muitos solavancos... Mas como a fé amacia a vida, deixavam de ser incômodos.

Estóicos, rezavam e cantavam... Cantavam e rezavam, ansiosos por pagamentos de promessas e pela demorada contemplação da santinha encontrada nas águas.

Certa vez, uma jardineira teve que vir atrás de uma boiada que também descera a serra. A lentidão dos animais. A paciência do motorista. Mais tempo na estrada. Mais tempo para cantar e rezar.

Eu tinha pena daquela gente anônima que nunca mais veria e que retornaria para casa, cansada mas feliz. Uma imagem da santa para o oratório, uma caneca de louça com a foto da basílica, uma viola e um retrato tirado pelo lambe-lambe seriam lembranças a guardar com muito amor.

A terra da padroeira, que a eles encantava, também nos atraía, a nós crianças, e nos parecia bafejada de mistérios. No velho casarão, as conversas dos adultos giravam em torno de extraordinários acontecimentos de que ela fora palco. Tudo nos assanhava a imaginação e a curiosidade. Queríamos ver nos ladrilhos as marcas das ferraduras do cavalo de um fazendeiro que resolvera profanar o templo. Também uma sombrinha colorida presa no forro da igreja. Diziam ter pertencido a uma jovem que, no Carnaval, fantasiada, zombeteiramente adentrara o sagrado recinto.

A palavra sacrilégio soava-nos aos ouvidos carregada de condenação. Sacrilega

a moça carnavalesca. Sacrilego o cavaleiro.

Falava-se de tantos milagres: o da menina cega que recuperara a visão, o do caçador que escapara dos dentes de uma onça, o do garoto Marcelino salvo de afogamento, o do escravo com as correntes rompidas, em preces diante da veneranda imagem.



Descobrimos, com o passar do tempo, que muitos fatos não passavam de lendas. Lenda a história do fazendeiro e seu cavalo. Lenda a história da dançarina.

Mas como explicar a sombrinha até hoje grudada no forro do presbitério? Seu nome é “gonfalon”. Lá colocado quando o santuário, em 1909, recebeu da Santa Fé o título de “Basílica”, ele como insígnia dessa dignidade.

Essa basílica nos impressionava e nos imantava pela profusão de ornamentos e cores, pela grandiosidade marmórea do altar,

onde, entre luzes, imperava a Virgem morena que nos falava mansamente ao coração.

A ela sempre esteve ligada a história de Piquete. Quantas vezes os padres redentoristas aqui vieram, em missão apostólica, a sagrada imagem recepcionada festivamente pelo povo. Quem não se lembra da figura carismática de Padre Vítor Coelho? Voz rouca e pausada, polarizava crentes e descrentes para os pés do altar.

Inesquecíveis as romarias organizadas pelo Padre Juca. Seu nome José Francisco von Atzingen. A cidade despertada por foguetes e toques de sino. O embarque no “trenzinho dos operários”. Uma festa na Estação Rodrigues Alves, pequena para tanta gente. Nossa Senhora num andor, em meio a filó e flores de pano. Flores perfumadas. E o dedicado sacerdote a percorrer as classes, com sua bênção e palavras de carinho.

A chegada a Aparecida. A lenta caminhada ladeira acima. Cânticos e orações, vivas e foguetes, estandartes e bandeiras – a apoteose da fé e do marianismo.

Hoje, outras tantas romarias acontecem – a pé, a cavalo, de bicicleta. Destino – a nova basílica. Mas quase todos querem conhecer ou visitar a outra, de duas torres, diante da qual, em 1904, foi Nossa Senhora da Conceição Aparecida coroada padroeira do Brasil. Pouco importa o cansaço e as dificuldades. Nos lábios, pedidos e agradecimentos. Na memória, três pobres pescadores – Domingos Martins Garcia, João Alves e Felipe Pedroso – que, em 1717, tiraram do Paraíba peixes para alimentar o Conde de Assumar e seu séquito, em passagem por Guaratinguetá, e uma imagem de terracota escurecida pelo tempo, que iria alimentar a fé e a confiança do povo brasileiro.

Notas da Cidade

✓ No dia 12 de outubro, a Rua do Piquete ficou repleta de crianças. Por iniciativa dos comerciantes José Augusto Costa, sua esposa Dadinha (Bazar Tend Tudo), Adenauer Porto de Miranda (Depósito Porto de Bebidas) e Adélia R. Gonçalves (Farmavale), foram distribuídos refrigerantes, pipoca, pirulitos e algodão doce. Este é o quinto ano que o grupo organiza a festa.

Ações como essa aconteceram em diversos pontos da cidade, promovidas pelos proprietários do Comercial Quebra Coco, Supermercado Pollys, Associações de Bairros e Igrejas.

✓ Acontecerá no Colégio “Leonor Guimarães”, no dia 24 de outubro, uma apresentação da peça “A Bruxinha que era Boa”, de Maria Clara Machado, por alunos daquela instituição de ensino. A organização do evento estará a cargo das professoras e Eunice Ávila e Mércia Regina.

✓ No dia 01 de outubro, na Catedral de Nossa Senhora da Piedade, em Lorena, foram ordenados diáconos dois piquetenses: *Fabrício de Sene Beckmann* e *Alessandro Chagas*. A cerimônia foi celebrada pelo arcebispo de Sorocaba, Dom Eduardo Bennes de Salles Rodrigues, e contou com a presença de muitos piquetenses. A FCR deseja que os jovens diáconos sirvam com amor às comunidades em que estiverem inseridos.

No dia 23 de outubro estará acontecendo o referendo popular que decidirá se o comércio de armas de fogo e munição deverá ser proibido no Brasil.

Todos os brasileiros entre 18 e 70 anos deverão votar ou justificar a ausência. O voto é facultativo para maiores de 16 e menores de 18 anos e analfabetos.

✓ A comunidade católica piquetense comemorou, às 12h do dia 12 de outubro, com muitos fogos de artifício, a data de Nossa Senhora Aparecida. Ao longo do dia, foram diversas as homenagens à padroeira do Brasil, cuja imagem percorreu a cidade em carro-de-bois, acompanhada por uma tropa de mulas. À tarde, procissão e missa na Matriz de São Miguel encerraram as atividades do dia.

✓ O curta-metragem “Pinga Fogo e a Idade”, produzido pelo piquetense Hélder Câmara e dirigido por Paulo Vespúcio, foi o grande campeão na categoria “Melhor Filme de Ficção” do festival de cinema de Votorantim/SP. “Pinga Fogo” concorreu com 156 filmes de todo o Brasil, vem sendo muito aplaudido pela crítica e pelo júri popular, e já está classificado para o Festival Brasileiro de Cinema de Londres, na Inglaterra.

Crônicas Pitorescas

A eleição

José Palmyro Masiero

Provocado por um manifesto espalhado no reino animal pelos seres mais simples e pelos invertebrados, sob responsabilidade da barata – condenando a incompetência da OAU (Organização dos Animais Unidos – composta pelos irracionais) na causa da sobrevivência das espécies, acusando seus líderes vitalícios e incitando a todos para que se processassem eleições no órgão, o leão foi levado a convocar uma Assembléia Geral.

Da OAU fazem parte: os seres mais simples – bactérias, protozoários, algas e fungos; os invertebrados – poríferos e celenterados, platelmintos e nematelmintos, anelídeos e moluscos, artrópodes e equinodermos, e os vertebrados – peixes, anfíbios, répteis, aves e mamíferos. Talvez por razões potenciais, alguns ferozes mamíferos dirigem o órgão desde sua criação, com direito a vetos e votos duplos. Mania de mamar.

Embora irracionais, não são burros, motivo pelo qual não possuem sede própria como a ONU (dos racionais), pois seria colocar a cabeça na boca do lobo – no caso, o homem, razão da existência da OAU. Coordenado pelo veado, chefe do protocolo, processavam-se estudos sobre o local da assembléia. A piranha sugeriu um rio da Amazônia, não aceito, da mesma forma que o mar, indicado pelo tubarão. Valeu a proposta do leão: uma savana.

Membros representativos de cada espécie estavam na abertura dos trabalhos. Muitos somente através de possantes microscópios puderam ser identificados e credenciados. À mesa, soberano, está o leão, presidente eterno. Ele abriu a sessão e vociferou contra o manifesto, que classificou de “obra de animais inferiores interessados em provocar o desequilíbrio entre os animais”. Logo após sua fala, aplaudidíssima, a barata, altiva, pede a palavra. Palavra cedida, voou até o tampo da mesa para falar em microfones:

– Irmãos irracionais! Não aceito a discriminação do presidente da OAU, classificando a imensa maioria de seus membros como animais inferiores. Pergunto: que fizeram esses poderosos mamíferos, que se consideram superiores contra a poluição e a destruição do meio ambiente pelo homem, causa do extermínio de muitas e muitas espécies de nossos irmãos?

– Dentro das chances, aparteou o tigre, temos comido alguns. Mas os homens são muitos e bem armados. Várias comissões estudam o problema há alguns anos!

– E sem nenhuma solução. Proponho – gritava a barata – que façamos uma eleição e coloquemos o que os poderosos classificam como inferiores na direção da

OAU! Somente nós, os pequenos, temos meios de acabar com o bicho homem!

Se houve algum alarido entre os minúsculos seres, não foi ouvido. Mas as gargalhadas dos grandes animais ecoaram por toda a savana...

– Vejam, irmãos! continuou indiferente a barata. As formigas, se cavarem sob todas as cidades, poderão destruí-las. Basta uma ação coordenada. As bactérias patogênicas, num planejamento concentrado, podem espalhar tuberculose, pneumonia, lepra, tétano, peste bubônica, meningite e muitas outras doenças, dizimando a raça humana. E os diversos tipos de protozoários... Quantos males não poderão disseminar? Para não me alongar, imaginem o que poderão fazer os cestóides, os esquistossomos, os ancilóstomos, as lombrigas, os oxiúros, os aracnídeos, os araneídeos, os escorponídeos e os acarinos? Sem esquecer os insetos que vivem em todas as regiões do mundo! Incontáveis meios possuímos para acabar com os humanos se nos organizarmos! Mas, para isso, para a salvação da fauna, é premente que processemos uma reformulação na cúpula da OAU. Que se eleja um novo presidente capaz de extinguir definitivamente o nosso inimigo: o homem!

– Posso saber quem será meu concorrente? perguntou o leão.

– Um ortóptero que apareceu aqui na Terra há mais de seis milhões de anos e que nem os grandes cataclismos conseguiram exterminar... Ou seja, eu! – Impávida respondeu a barata.

O hipopótamo abriu a boca numa gargalhada que quase engoliu todo mundo! A hiena rolava no chão de rir! O tigre até se coçava com a bengala! O jacaré era só dentes!

Proponho que se faça a eleição agora. Cada representante escreverá: Barata ou Leão. Quem tiver a maioria, vence – voltou a barata.

Após consulta, houve acordo para a eleição. O urso, secretário, foi encarregado do trabalho eleitoral. Todos votaram. O lince, apesar dos olhos, utilizou mais de uma vez o microscópio para ditar o nome escrito pelos membros. O macaco só ia marcando: os riscos pró-leão e os pró-barata. Iniciou-se a contagem. A barata, em cima da mesa, estava ao lado da pata do leão, que se achava sentado num tronco. Aguardavam o resultado. Este chegou: barata na cabeça! Estourada.

O leão, levantando a pata, urrou bem alto: Eu anulo essa eleição! E desceu-a sobre a barata, que ficou folhada no tampo. Acabou a festa. Relatório conclusivo da Assembléia: A pata amassa a massa.

Galo Músico

Cinco horas. O despertador canta.

Com uma esticada de mão, Justino Luiz trava o incomodador.

De olhos arregalados e voltados para o teto, fica de ouvidos atentos para o quintal.

Todos os dias, impreterivelmente às 5h, o galo músico começa o concerto.

Canto envolvente, ditoso, imperativo.

O galo músico foi comprado insistentemente de Isaac Satim, por vinte reais, preço irrisório para tanto talento.

Justino Luiz, quando ouviu pela primeira vez o canto do galo, apaixonou-se pelo belo exemplar e o adquiriu para satisfazer seu devaneio.

De porte médio, salpicado de preto e branco, e de postura invejável, o galo músico, ao cantar, eleva o bico para o céu e, conforme vai cantando vai descendo o bico até este tocar o solo. Em seguida, começa tudo outra vez.

Dizem os avicultores que os galos músicos são nascidos no Natal.

No quintal de Justino Luiz, ele vivia num harém entre garnizés, angolinhas e legornes.

Numa manhã amena, foi bom ouvir o despertador gritar. Travado, os ouvidos do amigo voltaram-se para o galo músico. Nada dele começar a alvorada. A luz da aurora penetrava pelas frestas da janela e o terreiro continuava mudo. Ouvia-se somente o cocorocó das galinhas ciscando.

Justino Luiz, ainda de pijama, saiu ao quintal para ver o que estava acontecendo.

Não encontrou o galo. Trepou no muro divisório do seu quintal com outros quintais e nada viu. Não se conteve. Às 6h começou a acordar toda a vizinhança. Batendo de porta em porta, não quis nem saber das conseqüências. Queria mesmo encontrar o suposto fujão.

A notícia do sumiço do galo correu por toda a cidade de Cachoeira Paulista. Foi parar no noticiário da rádio local. Em voz suave e compassada o locutor anunciava:

– Povo cachoeirense, aquele que souber do paradeiro do galo músico do nosso amigo Justino Luiz, por favor, entrar em contato conosco, que será muito bem gratificado.

Daí começou a gozação.

Os amigos chegados ligavam para a casa dele: uns diziam que o galo virara lata e estava na torre da Igreja Matriz; outros diziam que o galo fora visto atravessando a via Dutra; e houve alguém que xerografou cópias de um galo semelhante e panfletou a cidade.

Na manhã do dia seguinte, a RC Vale, da cidade de Cruzeiro, no seu jornal policial, noticiou, com grande audiência, o desaparecimento do galo músico. Hipóteses foram levantadas e debates envolveram cidadãos da comunidade e adjacências.

Justino Luiz acompanhava tudo com pesar, lastimava-se profundamente com a perda do encantador galo músico.

Pensou até numa panela de ferro, e o galo se transformando num delicioso tiradito a passarinho.

De fato, era um galo diferenciado. A imagem e seu canto ficariam arraigados no coração do companheiro.

Depois dessa desdita, desfez-se das outras aves e nunca mais mexeu com galináceos.

Pena que o galo músico não deixou um vídeo-clip.

Edival da Silva Castro

Desmitificar ou Desmistificar

Abigayl Lea da Silva

Da tribuna da Câmara ou do Senado, ou dos artigos das revistas ou dos jornais bebemos a indigesta notícia de que todos os males do país vêm do burocratismo entranhado no sangue ibérico.

Concluímos: o Brasil não caminha, não voa e não navega porque está colado ao chão por um grilhão de papéis, selos e carimbos.

O economista Gourmait (1712-1759) quando criou a palavra *bureaucratie* – que procede do latim *bura*, pano de lã com que se cobriam as escrivaninhas, e de *cratie*, que se prende ao grego *Krateia*, de *Kratein*, dominar, governar, reger – certamente não imaginou que poderia comprometer o desenvolvimento de um país ainda no período colonial.

Gourmait queria apenas organizar o trabalho, planejar para dar uma feição identificável a todos os documentos que tivessem de ser examinados pelos interessados.

O cérebro prático de um economista não adivinharia a enxurrada de leis e de prazos a que esses documentos estariam atrelados.

Os papéis apenas registram os elemen-

tos contidos nos fatos de qualquer natureza: políticos, econômicos, educa-cionais, tributários.

“É absurda a diferença! [de tempo gasto para abrir uma empresa no Brasil e nos outros países] Mas é preciso dizer que aqui a demora é tanta por causa da absurda tributação. É preciso ir empurrando os papéis com a barriga para ir cobrando os impostos.”

Está na moda comparar o tempo gasto para abrir uma empresa no Brasil e nos outros países.

É absurda a diferença! Mas é preciso dizer que aqui a demora é tanta por causa da absurda tributação. É preciso ir empurrando os papéis com a barriga para ir cobrando os impostos.

Como diz Jorge Gerdau Johannpeter (Veja, 2005, 27 de abril, 11):

“O sistema tributário brasileiro é medieval. Se você investe 100 milhões de reais para construir uma fábrica, é obrigado

a recolher 30 milhões em impostos, antes mesmo de começar a produzir.”

Outro ângulo importantíssimo do problema é a dificuldade de compreensão que uma boa resma de papel produz. Depois de alguns documentos sofisticados e do desenrolar de uns poucos anos, o pequeno investidor descobre que seu dinheirinho foi parar no ralo. É a escolha do sistema romano em vez do sistema inglês.

Elhanam Helpman, professor de Harvard (Veja, 2005, 12 de janeiro, 15), aponta como causa o desrespeito ao direito de propriedade: “Se os minoritários não têm os direitos assegurados, não investem. Com isso o dinheiro fica mais escasso e caro para as empresas.”

De papel em papel, as máscaras caem. Ibérico, medieval ou romano. Se a gestão é competente, a burocracia vai na esteira.

Nem mesmo cabe desburocratizar. É preciso estabelecer uma burocracia ágil, transparente e eficaz.

Tranquemos nossos ouvidos aos mitos e às mistificações.

E não nos esqueçamos: Houve um homem chamado Hélio Beltrão...

Dia do Professor

Paulo Bonfim

*Dia do Professor.
Dia de professar amor,
Dia de sementeira,
Dia da colheita,
Dia da saudade,
Dia da esperança.
Dia do Professor,
Dia da gratidão!
Na lonjura dos rincões,
Nas periferias da vida,
Nos subúrbios do sonho,
Na caminhada dos rios,
Nas caatingas, no cerrado,
Nos pampas, nos igapós,
Nas veredas do sertão,
Nos vilarejos, nas praias,
Na inquietação das cidades,
Somos infância de novo
Trazendo a flor de um sorriso,
A gratidão que floresce
No Dia do Professor.*

“Ser professor é um privilégio. Ser professor é semear em terreno sempre fértil e se encantar com a colheita. Ser professor é ser condutor de almas e de sonhos, é lapidar diamantes.”

Saudade da Professorinha

Laura Cristina Chaves

Que saudade da professorinha... Que me ensinou o beabá. A letra de Ataulfo Alves tem ainda efeito nos dias atuais. O saudosismo de Ataulfo, que também tinha saudades da Amélia, *aquela que era mulher de verdade*, faz parte do repertório de muitos de nós. Seria a professorinha professora de verdade, mais do que a professora de hoje?

A professorinha do cantor nos remete ao início do século XX, quando as professoras “primárias” eram senhoras da sociedade, para as quais o magistério era uma opção digna e não lhes exigia dedicação integral. Assim, não se descuidavam da missão de esposa e dona de casa. Moças de boa formação e “estudadas” eram respeitadas e gozavam de status social. Era com respeito que a elas os alunos e pais se dirigiam: Dona Margarida, Dona Célia, Dona Rosa, Dona...

Mas ao longo do tempo, as mudanças sociais impuseram mudanças ao perfil da professora. A cada passo do desenvolvimento histórico, as exigências em relação ao magistério aumentam e põem fim ao modelo “professorinha”.

A professora de hoje, a professora real é aquela que vive entre os impasses da

dinâmica social: mãe, mulher, profissional, assalariada e com uma responsabilidade social imensa que lhe exige ensinar bem, formar cidadãos, preparar para o mercado de trabalho; em alguns casos, “substituir a família” no papel de educar, participar das decisões da escola e assim por diante. Sobram-lhe atribuições, falta-lhe prestígio.

Não se pode, portanto, buscar aproximações entre a professorinha de Ataulfo e a professora do nosso tempo. Fica a professorinha como uma saudade gostosa; não queiramos resgatá-la aos dias atuais, ela não sobreviveria.

Quanto à professora atual, fruto do contexto social em que vivemos e da evolução histórica da humanidade, o que se espera é a continuidade do seu processo de profissionalização e da construção da identidade da categoria. Precisa, entre outras coisas, de formação adequada e permanente, de condições de trabalho e de salário justo.

Por fim, neste mês dos professores, é preciso encontrar forças para encaminhar o processo de profissionalização, que envolve tanto a mudança no trabalho pedagógico quanto na posição que a categoria dos professores ocupa na sociedade.

Fundação Christiano Rosa inaugura viveiro de mudas em Piquete

No dia 28 de setembro, foi inaugurado pela Fundação Christiano Rosa (FCR) um Viveiro de Espera e Tratamento de Mudas. Instalado no terreno dos fundos do Espaço Cultural “Célia Ap. Rosa”, ao lado do hospital, o viveiro já conta com quase três mil mudas, que serão utilizadas para reflorestamento no município de Piquete. Moderno e bem equipado, a estrutura de aproximadamente 156m² foi erguida por técnicos especializados e conta com irrigação temporizada automática e mesas especiais para os “tubetes” de mudas.

A inauguração

A inauguração aconteceu na tarde do dia 28 de setembro e contou com a presença de diversas autoridades e inúmeros convidados, colaboradores e amigos da Fundação Christiano Rosa.

Na ocasião, o Presidente da Fundação Christiano Rosa e Secretário Municipal de Meio Ambiente de Lorena, Paulo Noia de Miranda, e a presidente do Conselho Curador da FCR, Teca Gouvêa, ressaltaram a importância do viveiro para o município de Piquete, pois, nele, a comunidade poderá realizar cursos e visitas guiadas.

Em seguida, os representantes da IMBEL, Cel. Alfredo Araújo, e da FPV, Gen. Fernando Manguinho, foram convidados a desatar o laço simbolicamente colocado na



entrada do viveiro, dando início à visitação. A estrutura montada impressionou a todos.

Além das autoridades citadas, estiveram presentes a Vereadora Evelize Chaves, o sr. Paulo Valladares, agente técnico do FEHIDRO; representantes do COMTUR de Piquete; Celso Colombo, da ACIAP; Lázaro Tadeu Ferreira, representante das ONG's do Vale do Paraíba no CBH-PS; Paulo Ferraz, gerente da Nossa Caixa Nosso Banco de Piquete; Paulo Roberto da Silva, do jornal Cidade Paisagem; José Demétrius Vieira, da Avalon Consultoria; representantes da CATI-EDR e da ONG Serra Acima, e professores e alunos do Colégio Leonor Guimarães.

Curso de Viveiristas

A Fundação Christiano Rosa vem ministrando um curso de viveiristas para mais de 30 alunos. O viveiro irá atender às necessidades de manutenção e preparo de

mudas a serem utilizadas pelo projeto “Revegetação de Áreas Ribeirinhas das Microbacias Hidrográficas dos ribeirões Bemfica e Tabuleta – Piquete/SP”. A finalidade principal do viveiro é manter saudáveis as mudas que serão plantadas no reflorestamento modelo de uma área cedida pela Prefeitura Municipal de Piquete. Após o plantio previsto no projeto, a FCR pretende criar novos cursos para

manter em atividade o viveiro e capacitar indivíduos para o trabalho com mudas e sementes. Piquete tem grandes áreas a serem revegetadas. Dessa forma, um viveiro como o da FCR poderá ser de grande utilidade para futuros projetos de reflorestamento.

O Projeto

O projeto “Revegetação de Áreas Ribeirinhas das Microbacias hidrográficas dos ribeirões Bemfica e Tabuleta – Piquete/SP” foi idealizado pela FCR e tem 80% de seu custo financiados pelo Fundo Estadual de Recursos Hídricos, através do COFEHIDRO, Comitê de Bacias Hidrográficas do Paraíba do Sul (CBH-PS) e Secretaria de Recursos Hídricos e Saneamento do Estado de São Paulo. Os demais 20% são contrapartida da Fundação Christiano Rosa, que conta com os parceiros EDR-CATI, INPE, IBAMA-Flona Lorena e o apoio da Prefeitura Municipal de Piquete.

Do preparo do terreno à inauguração do Viveiro...

A partir da esquerda: o terreno sendo preparado pra receber o viveiro; a montagem da estrutura, realizada por técnicos especializados; Teca Gouvêa, presidente do Conselho Curador da FCR, durante o evento de inauguração, fala sobre a importância do viveiro para Piquete; convidados na área do viveiro; Celso Colombo, Paulo Valladares, Lázaro Tadeu Ferreira e Paulo Ferraz; professor e alunos do “Leonor Guimarães”.

Fotos arquivo Pro-Memória

